

MEMÓRIAS DE UMA LEITURA: *MÉMOIRES D'HADRIEN* DE MARGUERITE YOURCENAR

Silvana Vieira da SILVA¹

RESUMO: Propõe-se aqui uma apresentação das *Mémoires d'Hadrien*, de Marguerite Yourcenar, embasada sobretudo nas memórias de uma leitura voltada para o caráter histórico e humano da figura de Adriano.

PALAVRAS-CHAVE: Marguerite Yourcenar. *Mémoires d'Hadrien*. Memórias. Romance histórico. Autobiografia fictícia.

Voici un livre ardu, grave et fort. Que s'abstiennent les lecteurs qui voudraient le survoler hâtivement ou l'avaler sans mâcher.
Henriette Levillain (1992, p.11)

Mémoires d'Hadrien (YOURCENAR, 1979), cuja primeira edição francesa foi publicada pela Plon em 1951, é considerado um romance histórico, ou ainda, uma inovação, um gênero literário original, “a autobiografia fictícia”; é considerado também um hino à existência humana, uma lição de política e humanismo e a comovente história de um homem só. É composto de seis partes com títulos em latim contendo 30 capítulos não numerados: *Animula vagula blandula*, *Varius multiplex multiformis*, *Tellus stabilita*, *Seculum aureum*, *Disciplina angusta* e *Patientia*. Na tradução de Martha Calderaro (YOURCENAR, 1980), publicada pela Editora Nova Fronteira, em 1980, os títulos das partes são traduzidos para o português: “Pequena Alma Terna Flutuante” (dois capítulos), “Vário Múltiplo Multiforme” (oito capítulos), “Terra Pacificada” (cinco capítulos), “Século Áureo” (sete capítulos), “Disciplina Augusta” (seis capítulos) e “Paciência” (dois capítulos). Cada título serve de referência a uma etapa da vida do Imperador Hadrien, o que demonstra o equilíbrio interno da obra.

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. Cep 14.800.901 – silvana@fclar.unesp.br

Mémoires d'Hadrien (YOURCENAR, 1979) apresenta-se como uma carta escrita pelo Imperador Hadrien, envelhecido (76-138), portanto, no século II depois de Cristo, endereçada a seu neto adotivo de 17 anos, Marc Aurèle, que deve suceder-lhe como Imperador. A primeira parte é um prólogo que enuncia as circunstâncias da narração, os temas recorrentes e as razões pelas quais Hadrien escreve. A segunda é apresentada em forma de narrativa cronológica dos quarenta primeiros anos de Hadrien, de seu nascimento até sua ascensão ao poder. Vê-se aí também uma série de iniciações ou metamorfoses. A terceira surge como um programa de reorganização e de ideal político. Ainda nessa parte têm-se as etapas da construção da obra imperial e da personalidade do Imperador. Segue-se um período de consolidação e de correção das realizações; e ainda na quarta parte vê-se o apogeu e o declínio pessoal de Hadrien. A penúltima parte apresenta uma série de últimas medidas políticas e pessoais de Hadrien, bem como uma sucessão de retornos. A última parte é um retorno à época da escritura e à morte do Imperador.

Essa *“méditation écrite d'un malade qui donne audience à ses souvenirs”* (YOURCENAR, 1979, p.29) tem como objetivo ajudar o jovem Marc Aurèle a preparar-se para a rude tarefa que o espera, e permitir-lhe refletir sobre o exercício do poder. Hadrien, sob o tom da confissão, tece aí o resumo de sua vida. Essa carta em seis partes é composta, de fato, por quatro partes enquadradas por um prólogo e um epílogo. Ela inicia-se pela visita que o Imperador Hadrien fez, naquele mesmo dia, a seu médico, Hermogène. Mesmo com a opinião favorável do médico em relação a sua saúde, Hadrien, que tem 60 anos, sente-se traído por seu corpo e pensa que sua morte é iminente. Decide, então, analisar seu percurso para *“trouver un sens à sa vie et à sa mort”* (YOURCENAR, 1979, p.28).

Hadrien evoca sua juventude e as pessoas, os combates e as leituras que o influenciaram. Confessa igualmente as circunstâncias secretas que lhe permitiram tornar-se imperador. Durante sua juventude, Hadrien combate ao lado de Trajan. Protegido por Plotine, esposa de Trajan, consegue conquistar a simpatia do imperador, que, aos 40 anos o designa como seu sucessor. Casado com Sabine, ele não é feliz no casamento e consagra-se ao império. Amante da paz, clarividente e muito esclarecido, renuncia a algumas colônias precárias e trabalha em prol da pacificação do Império. Para ele, a guerra é um meio, e não um objetivo. O imperador trabalhou igualmente para a consolidação e para a melhoria das condições de vida das mulheres e dos escravos, esforçando-se, assim, para tornar a sociedade romana mais justa.

Durante uma viagem pela Ásia Menor, Hadrien encontra o jovem Antinoüs que vai transformar sua vida. Emocionado pela beleza do jovem bitiniano, Hadrien descobre a felicidade. O desaparecimento de seu favorito, que se suicidou por amor “*marque un point de non retour dans l'existence d'Hadrien*” (GUSLEVIC, 1999, p.60). Ele manda erigir-lhe uma cidade e devota-lhe um culto fervoroso. Após uma última vitória na Judéia, Hadrien sente as primeiras dores cardíacas. Doente, retira-se para meditar sobre seu corpo do qual a morte logo irá libertá-lo. As *Mémoires d'Hadrien* (YOURCENAR, 1979) terminam com uma meditação sobre o suicídio. Com o sentimento do dever cumprido, ele pensa, com efeito, em pôr fim aos seus dias, mas resigna-se finalmente em esperar a morte com dignidade e paciência.

Marguerite Yourcenar, pseudônimo de Marguerite Cleenewerck de Crayencour (anagrama de *Yourcenar*), que nasceu em 8 de junho de 1903 em Bruxelas e faleceu em 17 de dezembro de 1987 em Mount Desert Island, Maine, EUA, é uma escritora belga de língua francesa. Foi a primeira mulher eleita para a Academia francesa em 1981, após uma campanha que contou com o apoio ativo de Jean d'Ormesson, o qual escreveu o discurso de sua admissão.

Ela foi educada de forma privada e de maneira excepcional: aos oito anos ela já lia Jean Racine com oito anos de idade. Seu pai ensinou-lhe latim aos oito anos e grego aos doze. Em 1939 mudou-se para os Estados Unidos, onde passou o resto de sua vida, obtendo a cidadania norte-americana em 1947 e ensinando literatura francesa até 1949. As suas *Mémoires d'Hadrien* (YOURCENAR, 1979), de 1951, tornaram-na internacionalmente conhecida. Este sucesso seria confirmado com *L'Œuvre au Noir*, 1968, a biografia de um herói do século XVI, chamado Zénon, atraído pelo hermetismo e pela ciência. Publicou ainda poemas, ensaios (*Sous bénéfice d'inventaire*, 1978) e memórias (*Archives du Nord*, 1977), manifestando uma atração pela Grécia e pelo misticismo oriental patente em trabalhos como *Mishima* ou *La vision du vide* (1981) e *Comme l'eau qui coule* (1982).

O que nos chama a atenção na narrativa de Yourcenar são o apuro e o cuidado com que a autora desfia os fatos históricos e aí entremeia sua ficção. O texto narrativo vem acompanhado de um “*Carnet de notes*” e da “*Note*”, apontamentos feitos pela autora durante o período em que se dedicou aos estudos preliminares de sua escritura e esclarecimentos quanto a fatos históricos, personagens reais e fictícios.

Marguerite Yourcenar já havia produzido e destruído, desde a idade de vinte anos, vários esboços desse romance ambicioso que faz reviver na primeira pessoa um imperador romano do século II, e deles, em 1949, só restava um simples fragmento. Em alguns meses ela reescreve as memórias desse soberano esclarecido que estimulou as artes e melhorou as condições de vida dos escravos. Por meio desse ilustre personagem, ela sonha com um homem de Estado ideal, capaz de estabilizar a terra. E dá a esse grego de cultura e ambição, que protege as árvores ameaçadas, suas próprias preocupações ecológicas. Ela evoca um homem que constrói sua felicidade “como uma obra-prima”, mas que a paixão pelo belo Antinoüs e a dor por sua perda vão transformar numa vertigem de imortalidade a glória do ser amado. Yourcenar divide com hadrien uma sabedoria inspirada nas doutrinas orientais que consiste em se preparar para a própria morte, em perceber o seu perfil, e finalmente entrar nela “*les yeux ouverts*” (YOURCENAR, 1979, p.316). Traduzido, elogiado e comentado, *Mémoires d’Hadrien* obtém um sucesso mundial.

No “*Carnet de notes*”, a autora começa dizendo que o “[...] *livre a été conçu, puis écrit, en tout ou en partie, sous diverses formes, entre 1924 et 1929, entre la vingtième et la vingt-cinquième année.*” Informa também que “*tous les manuscrits ont été détruits, et méritaient de l’être.*” (YOURCENAR, 1979, p.321).

Yourcenar conta ao leitor que em dezembro de 1948, recebeu, vinda da Suíça, uma mala cheia de papéis da família e de “*lettres vieilles de dix ans [...]*” (YOURCENAR, 1979, p.327) que começou a destruir durante muitas noites. Nomes que não lhe diziam nada, outros conhecidos, dançavam diante de seus olhos, até que se deparou com umas anotações em quatro ou cinco folhas datilografadas em papel amarelado, que começava com “*Mon cher Marc...*”. A princípio, não se lembrava de quem se tratava, momentos depois, lembrou-se de que tinha diante de si um fragmento do que pensava haver perdido, e resolve escrever as *Mémoires* (YOURCENAR, 1979) a qualquer custo. Àquela altura, Yourcenar já havia comprado bibliografia concernente ao Imperador Hadrien com o intuito de escrever principalmente sobre o “*homme de lettres, le voyageur, le poète, l’amant*” (YOURCENAR, 1979, p.328), mas começava a vislumbrar no personagem também a figura (secreta) do Imperador.

Outra anotação interessante diz respeito escolha do personagem. Por que a autora não escolhera uma figura feminina como personagem central? Ela mesma responde:

Impossibilité aussi de prendre pour figure centrale un personnage féminin, de donner, par exemple, pour axe à mon récit, au lieu d'Hadrien, Plotine. La vie des femmes est trop limitée, ou trop secrète. Qu'une femme se raconte, et le premier reproche qu'on lui fera est de n'être plus femme. Il est déjà assez difficile de mettre quelque vérité à l'intérieur d'une bouche d'homme. (YOURCENAR, 1979, p.329).

Ainda quanto à construção da escrita, Yourcenar afirma que se optou “[...] d'écrire ces Mémoires d'Hadrien à la première personne, c'est pour [se] passer le plus possible de tout intermédiaire, fût-ce de [soi]-même. Hadrien pouvait parler de sa vie plus fermement et plus subtilement qu'[elle]” (YOURCENAR, 1979, p.330). E completa: “[...] ceux qui auraient préféré un Journal d'Hadrien à des Mémoires d'Hadrien oublient que l'homme d'action tient rarement de journal: c'est presque toujours plus tard, du fond d'une période d'inactivité, qu'il se souvient, note, et le plus souvent s'étonne.” (YOURCENAR, 1979, p.339).

A própria autora facilita o trabalho do leitor mais curioso e do pesquisador ao enumerar com vagar os fatos realmente históricos e os fictícios, como por exemplo, a participação ativa de Hadrien na guerra da Judéia, que foi inventada pela autora; a adoção de Hadrien por Trajan e a morte de Antinoüs, circunstâncias incertas e dadas como verídicas na narrativa de Yourcenar. Esse quadro permite-nos compreender em que medida Yourcenar utilizou, para modificá-los ou interpretá-los, os fatos ou os personagens históricos, sem perder a veracidade. De anedotas da época romana, mas não exatamente do tempo de Hadrien, de tradições recolhidas aqui e ali por historiadores e de um conjunto de pequenos fatos, ela soube tirar a substância necessária para dar corpo a seu personagem e para dar estofa ao plano histórico. O fato de eles serem plausíveis ou não foi seu critério de integração. Ou mais ainda: nos momentos em que a história não tem respostas, provas, certezas, a romancista traz as suas, que revelam sensibilidade pessoal e poder criador. Essa recriação de um Imperador e de sua época prova que o projeto da autora não era o de escrever uma obra histórica e erudita, mas usar sua erudição para tirar dela a estimulante substância necessária à recriação de um personagem pela imaginação, ou, com suas próprias palavras, construir “*l'architecture tragique du monde intérieur.*” (YOURCENAR, 1979, p.325).

A morte, o tempo, sua reconstrução, o labirinto da memória são temas constantes que se entrelaçam em *Mémoires* (YOURCENAR, 1979) e contribuem para a construção do personagem Hadrien. Através de suas viagens, quase sempre deslocamentos voluntários que duraram doze dos vinte anos de seu Império, Hadrien se constrói e ascende em direção a sua função suprema.

O ritmo da narrativa também sofre modificações: as lembranças longínquas do Imperador são contadas com detalhes; no final, sua sucessão não passa de vinte linhas, em um encadeamento rápido de mensagens e acontecimentos.

A morte precoce do preferido de Hadrien traz à tona os sentimentos humanos que se escondiam na aura divina do imperador. Em um dado momento, seu sofrimento é traduzido pela descrição de uma figura quase patética: *“Tout croulait; tout parut s’éteindre. Le Zeus Olympien, le Maître de Tout, le Sauveur du Monde s’effondrèrent, et il n’y eut plus qu’un homme à cheveux gris sanglotant sur le pont d’une barque.”* (YOURCENAR, 1979, p.216).

Segue aqui a leitura de um trecho bastante pungente:

Deux jours plus tard, Hermogène réussit à me faire penser aux funérailles. Les rites de sacrifice dont Antinoüs avait choisi d’entourer sa mort nous montraient un chemin à suivre: ce ne serait pas pour rien que l’heure et le jour de cette fin coïncidaient avec ceux où Osiris descend dans la tombe. Je me rendis sur l’autre rive, à Hermopolis, chez les embaumeurs. J’avais vu leurs pareils travailler à Alexandrie; je savais quels outrages j’allais faire subir à ce corps. Mais le feu aussi est horrible, qui grille et charbonne cette chair qui fut aimée et la terre où pourrissent les morts. La traversée fut brève; accroupi dans un coin de la cabine de poupe, Euphorion hululait à voix basse je ne sais quelle plainte funèbre africaine; ce chant étouffé et rauque me semblait presque mon propre cri. Nous transférâmes le mort dans une salle lavée à grand eau qui me rappela la clinique de Satyrus; j’aidai le mouleur à huiler le visage avant d’y appliquer la cire. Toutes les métaphores retrouvaient un sens: j’ai tenu ce cœur entre mes mains. Quand je le quittai, le corps vide n’était plus qu’une préparation d’embaumeur, premier état d’un atroce chef-d’œuvre, substance précieuse traitée par le sel et la gelée de myrrhe, que l’air et le soleil ne toucheraient jamais plus. (YOURCENAR, 1979, p.216-217).

Esse trecho da narrativa revela o homem, despojado de seus paramentos de Imperador; nesse momento, demasiado humano, que chora a perda do ser amado.

A morte é um tema recorrente na narrativa e ela aparece sob vários perfis, quase uma presença obsessiva, que abre e fecha a história narrada por Hadrien. O início desvela a lucidez com que o protagonista encara sua própria morte e sua doença: *“Je commence à apercevoir le profil de ma mort.”* (YOURCENAR, 1979, p.13). Ao mesmo tempo, o desespero contido da perda do ser amado, que morre jovem, demonstra uma outra faceta do Imperador, como pôde se ver. Para vencer a morte, ou amenizá-la, Hadrien constrói um santuário, uma cidade, um túmulo, para que ele próprio se torne eterno, assim como a figura de seu preferido. A morte equipara-se ao amor, nas palavras do protagonista: *“Je ne savais pas alors que la mort peut devenir l’objet d’une ardeur aveugle, d’une faim comme l’amour.”* (YOURCENAR, 1979, p.298). Mesmo no *incipit* da narrativa, é a morte que está

presente, e não a vida, o que seria convencional em uma narrativa autobiográfica, ou seja, o nascimento como começo de tudo. É um velho perto da morte que escreve uma carta.

O tema do tempo se mescla ao da morte, redutor da vida por excelência, ao mesmo tempo em que escoar. Hadrien calcula o tempo “*dévorateur*” matematicamente: “*les jours sont comptés*” (YOURCENAR, 1979, p.12), “*mon temps se mesure désormais en unités beaucoup plus petites*”, “*ma marge d’hésitation ne s’étend plus sur des années, mais sur des mois*” (YOURCENAR, 1979, p.13). Hadrien confessa a Marc Aurèle que tem sua própria cronologia e exemplifica: “*Quinze ans aux armées ont duré moins qu’un matin d’Athènes*”. Contudo, as referências temporais precisas são raras, e justificadas por Hadrien: “*Les dates se mélangent: ma mémoire se compose une seule fresque où s’entassent les incidents et les voyages de plusieurs saisons*” (YOURCENAR, 1979, p.178). Porém, uma forma de abolir o tempo é viajar, e Hadrien passa grande parte de seu império em viagens voluntárias e involuntárias, e conscientemente afirma: “*Ulysse sans autre Ithaque qu’intérieure*” (YOURCENAR, 1979, p.28).

As lembranças também se atrelam aos dois temas anteriores, o que provoca uma narrativa em labirinto, labirinto da memória que leva, assim, à narrativa autobiográfica.

Se se considerar que a escritura revela um momento de crise, isso se aplica perfeitamente bem ao protagonista. A questão de sua sucessão se alonga na narrativa, mas seu desfecho é narrado em menos de 20 linhas. Dessa forma, o protagonista tensiona ao máximo e relaxa o fio condutor de seu texto.

Pode-se terminar essa leitura com as próprias palavras que resumem a figura de Adriano: “[...] *j’avais lutté de mon mieux pour favoriser le sens du divin dans l’homme, sans pourtant y sacrifier l’humain. Mon bonheur m’était un paiement.*” (YOURCENAR, 1979, p.181).



MEMORIES OF A READING MÉMOIRES D’HADRIEN BY MARGUERITE YOURCENAR

ABSTRACT: *In this work, a presentation of Marguerite Yourcenar’s Mémoires d’Hadrien is proposed. The work is especially based on a reading of Adrian’s historical and human character.*

Silvana Vieira da Silva

KEYWORDS: *Marguerite Yourcenar. Mémoires d'Hadrien. Memory. Historic novel. Fictitious autobiography.*

REFERÊNCIAS

GUSLEVIC, C. **Étude sur Marguerite Yourcenar**: Mémoires d'Hadrien. Paris: Ellipses, 1999. (Collection Résonances).

LEVILLAIN, H. **Mémoires d'Hadrien de Marguerite Yourcenar**. Paris: Éditions Gallimard, 1996. (Folio).

YOURCENAR, M. **Memórias de Adriano**. Tradução de Martha Calderano. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1980.

_____. **Mémoires d'Hadrien**. Paris: Éditions Gallimard, 1979.